

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012
ISSN: 2176-5782

Viver a escrita, aprender a escrita: entre criatividade e conformismo

Living writing, learning writing: between creativity and conformity

Ligia Pellon de Lima Bulhões¹

RESUMO: Este artigo é sobre a escrita compreendida como um conjunto de práticas sociais. Em linhas gerais, contrapomos a visão tradicional de escrita à realidade das diferentes situações de escrita, historicamente variáveis, próprias dos diferentes contextos da vida cotidiana, “invisíveis” para o sistema escolar e demais instituições burocráticas. Na perspectiva contemporânea da cultura e do consumo de massa, podemos assimilar leitura à passividade, já que se privilegiam “produtores” em detrimento de “consumidores”, ou leitores. Com relação à Escola, observamos que os professores da rede fundamental de ensino, em geral, possuem domínio teórico da noção de língua e de escrita como conjunto de práticas sociais, embora ainda falhem em transformá-lo em domínio prático em suas ações pedagógicas. A questão crucial apontada é que pouco se sabe sobre as manifestações cotidianas de escrita que circulam para além do espaço escolar. A fim de conhecê-las, é pertinente que se façam generalizações úteis sobre estas ações cotidianas de escrita. Ou seja, face à pluralidade e criatividade dos “consumidores” - leitores, é necessário especificar e distinguir maneiras de fazer, modos de ação, relacionados às práticas cotidianas de ler e de escrever. Apresentamos e discutimos exemplos de padrões recorrentes de escrita observados no cotidiano de dois bairros populares de Salvador, com destaque para os usos coletivos de escrita e os textos escritos “perpassados” de oralidade, e as atitudes singulares, além da representação sociolinguística que os sujeitos mantêm sobre a escrita (Boyer, 1990).

Palavras-chave: Cultura de massa; Ensino; Cotidiano; Escrita(s)

ABSTRACT: This article is about writing conceived as a set of social practices. In a general view, we oppose the traditional concept of writing and the different writing situations, historically variable, fit to the different contexts of everyday life, "invisible" to the school system and other bureaucratic institutions. In the contemporary perspective of culture and mass consumption, we can assimilate reading to passivity, since one favors "producers" rather than "consumers" or readers. In regard to school, we found that teachers in mainstream education, in general, dominate the theoretical notion of language and writing as a set of social practices, although they still fail to turn it into practice in their pedagogical actions. The crucial question we point out is that little is known about the daily events of the type of writing that circulates beyond the school setting. To know them, it is pertinent to propose useful generalizations about these daily actions of writing. In other words, given the diversity and creativity of "consumers" - readers, it is necessary to specify and distinguish modes of action, related to everyday practices of reading and writing. We present and discuss examples of writing recurring patterns we observed in everyday life of two popular districts of Salvador, with emphasis on the collective uses of writing and the writing texts “perpassed” of orality (v. Boyer, 1990).

¹ Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens - PPGEL; Depto. de Ciências Humanas I / UNEB;
ligiapellon@gmail.com.

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012
ISSN: 2176-5782

Key-words: Mass culture; teaching; daily life; writing

Este artigo versa sobre a escrita, compreendida como atividades de leitura e de produção de textos. Nele, em linhas gerais, contrapomos a visão tradicional de escrita, que se baseia nas características universais de suas formas e funções, decorrentes da hierarquização social tanto na perspectiva da cultura e do consumo de massa quanto na da Escola, à realidade das diferentes situações de escrita, historicamente variáveis, próprias dos diferentes contextos da vida cotidiana, “invisíveis” para o sistema escolar e demais instituições burocráticas.

Tradicionalmente, muitos estudos sobre a escrita detêm-se nas características universais de suas formas e funções. Em sentido oposto, muitos autores, como Heath (1983), nos mostram, a partir de pesquisas etnográficas, que diferentes comunidades possuem padrões próprios de leitura e de produção de textos, que se definem com base no contexto em que se realizam, mantendo uma relação de interdependência com a utilização dos espaços, a organização do tempo e com as funções que os sujeitos desempenham na família e na sociedade.

Na perspectiva contemporânea da cultura e do consumo de massa, De Certeau (1994), em texto sobre o ato de ler, afirma que a imagem que temos de público leitor é opaca, pois se revela na pretensão dos “produtores” culturais, a partir de manipulação de relações de forças, de “dar forma” às práticas sociais, de informar a população. Hoje, para ele, “o texto é a própria sociedade. Tem forma urbanística, comercial e televisiva. Mas a mutação que historicamente provocou a passagem da arqueologia escolar para a tecnocracia dos meios não diminuiu a força do postulado de uma passividade própria do consumo [...]” (De CERTEAU, 1994, p. 238). Maior eficácia da produção, maior inércia do consumo. Este enquadramento disciplinar pressupõe “[...] um público passivo, ‘informado’, tratado, marcado e sem papel histórico” (p. 238), efeito de “[...] uma ideologia de classe e de uma cegueira técnica que distingue e privilegia autores, pedagogos, revolucionários, numa palavra, produtores, em face daqueles que não o são”(p. 239). O que o autor coloca em questão é a

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012
ISSN: 2176-5782

assimilação da leitura a uma passividade, já que, ao contrário, o livro é uma construção do leitor.

Na verdade, sabemos que, na hierarquização social, coube à Escola a responsabilidade de ensinar a ler e a escrever. Porém, os procedimentos pedagógicos para o ensino do português na rede escolar, em muitos casos, não estão centrados na formação do leitor / redator, pois, ainda hoje, se baseiam no conhecimento e domínio que os professores têm dos processos de alfabetização e de construção de conhecimentos sobre os usos do código gráfico, em que o ponto de chegada, em geral, tem sido o domínio da prosa formal, ou seja, de textos dissertativos de gêneros formais de escrita. O sujeito aluno é, portanto, um “vir a ser”, e só será um leitor eficiente e um redator “pronto” quando conseguir esse domínio de língua. Nesse contexto, privilegia-se o uso individual e silencioso da escrita, apartado das manifestações em que ela é perpassada pela oralidade e por outras linguagens.

Observamos que o interesse crescente pelo estudo da escrita no Brasil, a partir do começo da década de 1980, com base nas contribuições teóricas da Linguística, levou o sistema de ensino a repensar os pressupostos teórico-metodológicos que norteiam o ensino de língua portuguesa, principalmente para alunos de escolas públicas, o que resultou na publicação dos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) em 1997. Nesse percurso, constatamos, nos dias de hoje, que um número grande de professores de português do sistema público de ensino tem domínio teórico da noção de língua e de escrita como um conjunto de práticas ou usos situados sócio – historicamente, que fazem parte das demais atividades sociais e do sistema de valores de pessoas dos diversos segmentos culturais. Esses docentes aprendem na universidade, em oficinas pedagógicas e em cursos de formação que os aspectos formais da língua se submetem aos seus diferentes usos e que o texto deve ser a unidade de ensino, dentre outras recomendações.

Porém, o que vemos em muitos casos, mesmo informalmente, são práticas contraditórias e não explícitas de ensino do português, especificamente de escrita, nas salas de aula, uma vez que um grupo grande de professores não consegue transformar o domínio

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012
ISSN: 2176-5782

teórico em domínio prático. Ou seja, continua a privilegiar, como conteúdo da matéria, o estudo gramatical e exercícios de interpretação de textos – em que as perguntas direcionam a leitura, para fins de avaliação, como fontes de aprendizado da língua. E, além do mais, tem tomado corpo uma visão pragmática ou instrumental da leitura e produção de textos nas escolas públicas, a partir dos temas transversais sugeridos pelos PCN's: ética, saúde, meio ambiente, orientação sexual e pluralidade cultural. Seus autores argumentam que

a transversalidade em Língua Portuguesa pode ser abordada de duas questões nucleares: o fato de a língua ser um veículo de representações, concepções e valores socioculturais e o seu caráter de instrumento de intervenção social (BRASIL, 1997, p. 36).

Como a Escola Pública não conhece a realidade sociolinguística de seus alunos, aí incluindo os usos de escrita e as concepções e valores que os constituem, atende apenas à última questão nuclear e direciona o trabalho de produção e recepção de textos prioritariamente para a discussão desses temas, que “[...] por tratarem de questões sociais, pertencem à dimensão do espaço público e, portanto, necessitam de participação efetiva e responsável dos cidadãos na sua gestão, manutenção e transformação” (BRASIL, 1997,p.36), com a finalidade específica de intervir na realidade social de sua clientela, ou seja, “de formar cidadãos”. A formação humanística através da leitura, como meta, é reduzida nesse espaço de ensino.

Como uma prática decorrente dessa realidade escolar, muitos alunos do Ensino Público Fundamental, hoje em dia, apropriam-se de um discurso pronto, ou clichê, de reprodução escolar, baseado em palavras de ordem ou frases genéricas, como “estudar para ser cidadão”, “combater a violência”, entre outras, fruto do trabalho com textos em sala de aula, e que funciona também como estratégia de sobrevivência no espaço escolar, como discurso apropriado para eles serem bem sucedidos nas avaliações das diferentes disciplinas. Em sua passividade, são consumidores de um texto que lhes escapa, pois que este não se coloca em relação à sua exterioridade de leitor.

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012
ISSN: 2176-5782

O fato é que pouco se sabe sobre as manifestações cotidianas de escrita que circulam para além do espaço escolar, que constituem os vários campos sociais da vida diária, o seu significado para os sujeitos e a atitude que estes mantêm sobre elas (MARCUSCHI, 2001). Estão invisíveis à escola e às demais instituições burocráticas, pois são manifestações situadas sócio - historicamente.

Segundo Street (1981), pesquisas sobre a escrita em grupos urbanos modernos têm mostrado a riqueza e a diversidade de suas práticas e de seus significados, a despeito de pressões por uniformização exercidas pelo Estado e pelos sistemas educacionais modernos. A escrita, defende o autor, varia de uma cultura ou de um grupo social para outro e seu uso está relacionado a relações de poder na sociedade. Assim sendo, ele propõe o estudo etnográfico de manifestações de escrita, ressaltando, porém, que um trabalho dessa natureza não pode se limitar a descrever, com detalhes, a sua riqueza e variedade em determinado grupo sociocultural. Uma abordagem teórica associada ao entendimento do real significado da prática da escrita na vida das pessoas atenderia, portanto, ao objetivo de investigação proposto por Street, que é o de fazer generalizações úteis sobre tais manifestações nos diversos grupos sociais.

Nessa mesma perspectiva, De Certeau (1994) afirma que “uma política de leitura deve articular-se a partir de uma análise que, descrevendo práticas há muito tempo efetivas, as torne politizáveis” (p.244). Em linhas gerais, ele se refere ao repertório da escrita como bens culturais ou produtos impostos ao consumo e sobre os quais os usuários procedem a operações próprias, com a astúcia da arte de utilizar o que lhes é imposto, em conformidade com as ocasiões. “Enquanto a gramática vigia pela ‘propriedade’ dos termos, as alterações retóricas (desvios metafóricos, condensações elípticas, miniaturizações metonímicas, etc) indicam o uso da língua por locutores nas situações particulares de combates linguísticos rituais ou efetivos.” (De CERTEAU,1994,p.97). Em síntese, face à pluralidade e criatividade dos consumidores, seria necessário especificar, distinguir maneiras de fazer, modos de ação, relacionados às práticas cotidianas de ler e de escrever.

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012
ISSN: 2176-5782

Sobre a temática em foco, gostaríamos de apresentar alguns dados resultantes de pesquisas qualitativas de base etnográfica sobre escritas do cotidiano que realizamos entre 1997 e 1999 na comunidade de São Lázaro, pequeno bairro popular de Salvador (BULHÕES, 2003), e em Escada, bairro do Subúrbio Ferroviário de Salvador, esta última em andamento.

Encontramos no dia a dia das duas comunidades alguns padrões de usos de escrita, de acordo com os diferentes campos sociais. O campo social, segundo Bourdieu (1983), incorpora os sujeitos nos espaços cotidianos por ele delimitados. E estes estabelecem possibilidades, cursos de ação, cujo instrumento é a linguagem. Os usos de escrita apresentados aqui, como exemplos, inscrevem-se no campo das práticas religiosas, no das práticas de liderança comunitária, e no campo do lazer, como atividades compartilhadas, coletivas. Não serão consideradas, portanto, as práticas individuais ou particulares.

Bourdieu e Chartier (2001), em diálogo sobre a leitura como prática cultural, afirmam que as situações de leitura são historicamente variáveis. Assim, a universalização de uma maneira particular de ler é uma instituição histórica, quando nos habituamos a ler um texto (“leitura estrutural”) nos limitando a ele. Há outras relações com o texto a ser escrito ou lido que passam pelas leituras coletivas, “[...] leituras que manipulam os textos, decifrados de uns para outros, por vezes elaborados em comum, o que põe em jogo alguma coisa que ultrapassa a capacidade individual de leitura”. (BOURDIEU e CHARTIER, 2001, p.233). Tanto é que nos grupos populares urbanos de hoje as escritas compartilhadas fazem parte de algumas ações ordinárias dos sujeitos, próprias de determinados campos da vida diária.

Nas duas comunidades pesquisadas, a função social dos sujeitos é pertinente para a análise das escritas que circulam nos espaços coletivos em que se desenvolvem principalmente as atividades religiosas, comunitárias e político-partidárias, já que tal função marca as relações de poder locais. Assim como para o entendimento das escritas que fazem parte das atividades de lazer que se realizam em área central dos bairros. Nesses contextos, o fator escolaridade, muitas vezes, não define quem está autorizado a escrever, porque o sentido dos textos escritos compartilhados oralmente é negociado, principalmente, a partir da

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012
ISSN: 2176-5782

autoridade que algumas pessoas detêm no contexto social, mesmo se tiverem só o grau elementar de estudos. Atas, ofícios a órgãos públicos, discursos, circulares, relatórios religiosos, piadas, volantes, dentre outros, são alguns desses textos. Mas o fato de um texto oficial destinar-se a um público externo, como os ofícios citados, geralmente aumenta a tensão entre os fatores escolaridade e função social nesses contextos coletivos. Ou seja, a depender do nível de formalidade do texto e do destinatário, bem como do nível de escolaridade do autor, maior ou menor tensão se estabelece.

O exemplo número 1, a seguir, é parte do discurso escrito pelo líder comunitário de São Lázaro, na época da pesquisa, que estudou até a antiga 4ª série do ensino fundamental, e que foi lido por ele durante cerimônia de posse da nova diretoria da liderança comunitária. Ressaltamos que, por ter sido um membro central da comunidade e por ter exercido por muito tempo função política, foi a pessoa autorizada, por longo período, a escrever textos em nome da liderança comunitária, apesar de seus poucos anos de estudo. A tensão estabeleceu-se, aqui, a partir de críticas de sujeitos jovens e escolarizados da comunidade, que o achavam despreparado para escrever ofícios e outros textos, embora não o desautorizassem a fazê-lo.

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012
ISSN: 2176-5782

EXEMPLO I - São Lázaro

COM DEVS NOS AJUDADO
COM MUITA UNIAO BOA VONTADE
DE MBOS DADAS PENSADO NO PREZENTE
& NO FUTURO COM TODO RESPEITO AO PASSADO
QUE ZIVERAM BOA INEECAO MAIS FAZEU
UM POV DE SOBEE ESPERANMAS QUE DEVS
NOS AJUDE QUE ZEHAMOS MAIS SOBEE PARA
JUNTOS COM OS NOSSOS VIGARIOS
DA NOSSA IGREJA AQUEM NOS PEEVIMOS
TODO SEU APOIO & QUE O NOSSO BEIKO
DA NOSSA IGREJA REVE BEVIS NO VIGARIO
PADRE LA DEV NOS AJUDE SE JUNGE A NOS
PARA NOS A CONSELHAR NO L ORIEDAR
O RA JUNTO AO NOSSO BOM DEVS POR NOS
PARA QUE ZUDO DE CERGO POIS COM ONOMES
DEVS NADA DAA CERGO POIS AS ORACOES
FEITA POR NOSSO VIGARIOS SERA MAIS FORTE
MINHA GENTE SEI QUE A CAMINHADA
NAO YAI CER FACIL A LUZ YAI CER GRANDE
ZA MBEM NAO SERA DIFICIL POIS DIFICIL
E DEVS PEECAR - O BRIGADO & VAMOS A LUZ
COM A FORÇA DE NOSSO BOM DEVS

Podemos observar que não basta a capacidade individual de leitura para compreender o texto acima, o que mostra a complexidade dos contextos sociais e culturais em que a escrita se manifesta. Isso porque o domínio da escrita não requer apenas competência técnica, mas também competência comunicativa, ou seja, o conhecimento que têm os sujeitos do que

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012
ISSN: 2176-5782

constitui uso apropriado da língua em uma situação determinada (HYMES, 1972), em determinado contexto sócio - histórico.

O texto revela a interação conflituosa entre o campo religioso e o da liderança comunitária no evento discursivo que deles faz parte, não só pela invocação religiosa do autor, mas também porque a antiga diretoria da agremiação era composta por membros da igreja local, que mantiveram desavenças políticas com a atual diretoria pelo poder local. O autor usa um tom conciliador, porém com crítica velada à antiga gestão, como no trecho: “com todo respeito ao passado que tiveram boa intenção, mas faltou um pouco de sorte”.

Observamos também no texto enxertos de máximas ou dizeres proverbiais de cunho religioso, que circulam bastante entre as pessoas mais velhas das duas comunidades, principalmente entre as mulheres. Eles advêm da cultura oral, onde as experiências são fixadas em fórmulas genéricas e recorrentes. Muitas pessoas guardam frases lidas ou escutadas de que gostaram em algum lugar, para copiá-las e repeti-las oralmente quando há oportunidade. De acordo com Obelkevich (1996), “o que define o provérbio não é a sua forma interna, mas a sua função externa, e esta comumente é moral e didática [...] (p. 45). São ‘estratégias para situações’, mas estratégias com autoridade. No caso, trechos como “sem o nome de Deus nada dá certo” e “difícil é Deus errar” reafirmam o já escrito no texto.

É importante notar que as relações entre oralidade e escrita são próprias das atividades compartilhadas de escrita. O discurso apresentado, embora sendo texto escrito que mantém a formalidade própria deste gênero de discurso, realiza-se na oralidade. Além das frases feitas que o compõem, tiradas da tradição oral, a sua intenção é um público presente, a quem o autor se dirige com um “minha gente”.

Segundo Street (1981), os valores associados à oralidade e à escrita em determinado grupo social tendem a determinar as suas fronteiras. O que está em jogo são as suas diferentes relações, o que permite a comparação entre diferentes manifestações culturais.

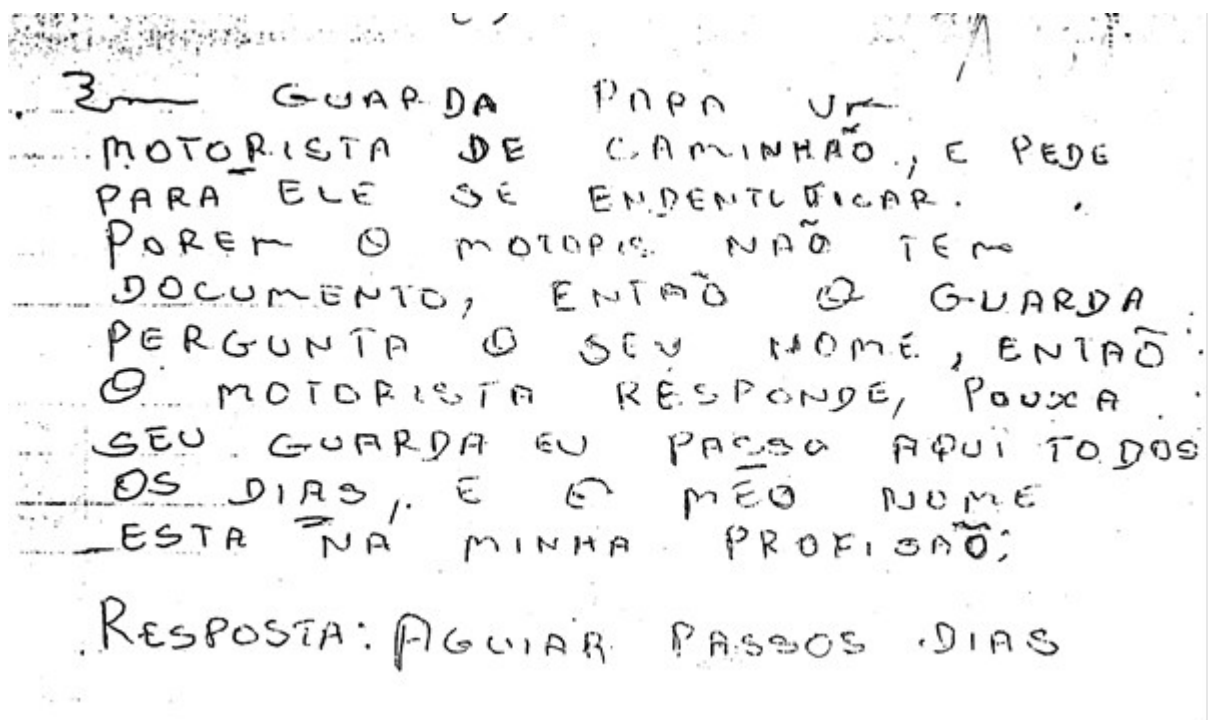
O texto do exemplo 2, que apresentamos em seguida, é uma piada que um morador escutou em conversa com alguns amigos no local de convivência que eles mantêm no largo da

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012
ISSN: 2176-5782

comunidade, e que registrou por escrito para não esquecer e poder contar a outros amigos, em novas oportunidades. É uma amostra de texto lúdico que faz parte dos eventos de lazer de um grupo de moradores e que se realiza, portanto, coletivamente, e em voz alta. O efeito de humor decorre da ambiguidade de significados da cadeia fonológica da última frase. É, portanto, um texto escrito perpassado de oralidade.

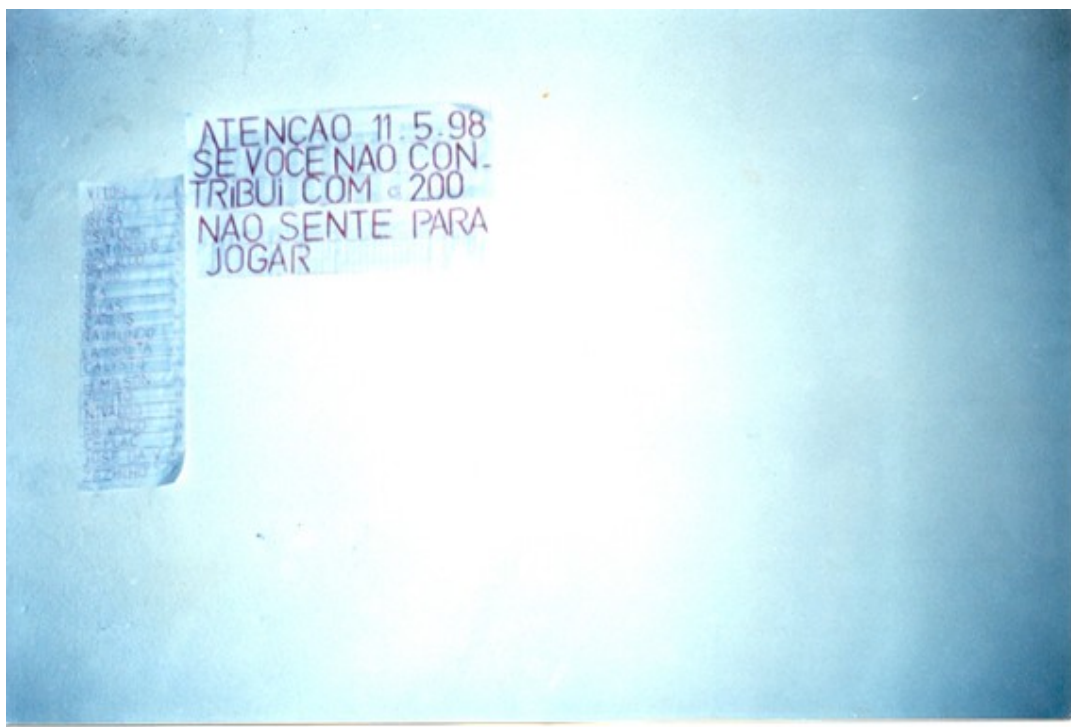


O exemplo 3, que agora apresentamos, refere-se a um cartaz com um bilhete afixado por uma moradora, que é líder comunitária, em uma barraca de bebidas situada em local central do pequeno bairro de São Lázaro:

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012
ISSN: 2176-5782



O cartaz reafirma uma norma estabelecida por esta moradora para os participantes do carteadado que sempre ocorre no local, e está acompanhado da "lista negra" dos jogadores temporariamente suspensos dos jogos, por não terem feito o pagamento mensal destinado à compra de baralhos novos. O texto pressupõe este grupo de moradores como leitor. A organização formal da frase e as palavras escolhidas para estruturá-la, assim como os significados que evocam, se submetem ao evento discursivo próprio de sujeitos que interagem em determinado domínio social. As pistas de contextualização, que permitem que os jogadores costumeiros interpretem o texto do cartaz, não se direcionam aos moradores que não participam deste evento, e menos ainda a pessoas que visitam a comunidade. Um leitor circunstancial não possui conhecimento pragmático e sociolinguístico suficiente para desvendar a intenção que orienta o uso que se faz da escrita neste evento discursivo. Ou seja, para inferir os significados subjacentes ao texto. E que dizem respeito à autoridade desta líder comunitária no contexto social, que a dispensa de assinar o bilhete, a cobrança da contribuição que é feita aos participantes irregulares por intermédio de outro texto auxiliar –

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012
ISSN: 2176-5782

uma lista de nomes, a necessidade de se comprarem baralhos novos, dentre outros. Logo, o domínio de um texto escrito requer, como prática coletiva, sobretudo competência social, e não apenas competência técnica. (Fabre, 1997).

Nesta perspectiva, Fabre (1997) enfatiza o caráter interativo das práticas cotidianas de escrita, vez que estas pressupõem a presença concreta do leitor, único ou coletivo. As atividades de produção de textos e de leitura, no contexto da vida diária de grupos populares, portanto, estão intimamente relacionadas, e a diversidade de relações mantidas entre si está de acordo com as suas interações com a fala e com as múltiplas situações de interação verbal. As práticas compartilhadas de escrita que fazem parte das comunidades aproximam redatores, leitores, e ouvintes: quem discursa, quem ouve e quem negocia os significados que são propostos, dentre as várias situações.

Ainda com relação a essas práticas, gostaríamos de acrescentar que são as atividades de escrita compartilhadas que introduzem os sujeitos nas ações coletivas, principalmente nas práticas religiosas e comunitárias, e não o contrário, considerando-se que os que delas participam precisam, primeiramente, iniciar-se em atividades de leitura e também de produção de textos. Como exemplos, de número 4, apresentamos dois registros fotográficos de uma aula de catecismo no bairro de Escada.

As atividades compartilhadas de escrita que aparecem nas imagens a seguir referem-se à preparação de um desenho e de um bilhete para as avós das crianças, pela passagem de seu dia, o que se repete em todas as datas festivas. As ações de formação católica pressupõem a formação de valores e são constituídas por essas práticas.

A:

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012
ISSN: 2176-5782

EXEMPLO II - Escada



TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012
ISSN: 2176-5782

EXEMPLO II - Escada



B:

Podemos notar que as crianças têm idades diferentes, o que mostra que o grau de escolaridade não foi fator relevante para iniciá-las na tarefa de escrever, condição para a iniciação religiosa. Na primeira imagem, vê-se um menino pequeno que ainda não sabe escrever, traçando bolinhas que, para ele, são letras que formam as palavras do seu texto. Introduce-se no mundo letrado antes de ser alfabetizado, em ação que extrapola a próprio texto e que é por este constituída (HEATH, 1983)

Além dos padrões de usos cotidianos da escrita, é importante que se estude a atitude dos sujeitos com relação a essas ações. Ou seja, as aspirações ou condutas singulares de pessoas diferentes com base em diferentes experiências e saberes. Aqui há lugar para o aparentemente contraditório, quando se observa o confronto entre práticas de escrita e as atitudes que se assumem sobre elas.

Nas comunidades pesquisadas, as pessoas responsáveis pelas aulas de catecismo creem que lá as crianças aprendem sobre religião, e não a ler e a escrever. Também é comum

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012
ISSN: 2176-5782

as pessoas mais velhas não reconhecerem, como formação de leitor, as leituras diárias de textos bíblicos que fazem e a leitura coletiva e oralizada desses textos, que é feita nos cultos religiosos, em que uma interpretação é proposta para eles. Acham que essas atividades são de formação religiosa. Saber ler para todos eles, portanto, é dominar o código gráfico; é ter acesso às novas regras ortográficas do português; enfim, é ter um conhecimento escolar. Já os sujeitos com grau elementar de escolaridade que realizam trabalho comunitário como dirigentes, ou desempenham função de liderança no contexto das práticas religiosas, ao serem indagados sobre suas leituras, muitas vezes, citam figuras consagradas da literatura brasileira, a exemplo de Jorge Amado, como autores que devem ser lidos, mas sem conseguirem citar um título lido, pois, na realidade, não fizeram a leitura recomendada. A tensão entre experiências de escrita, relacionadas à experiência escolar, e função social revela-se nessas atitudes. De acordo com Bourdieu & Chartier (2001), “ as declarações concernentes ao que as pessoas dizem ler são muito pouco seguras em razão daquilo que chamo de efeito de legitimidade: desde que se pergunta a alguém o que ele lê, ele entende ‘o que é que eu leio que merece ser declarado?’ ” (p.236).

Mesmo nas escolas, a leitura livre de textos, a sua oralização, a construção coletiva de seu significado, a relação feita com outros textos e com situações da realidade vivenciada, dentre outras ações, muitas vezes, fazem parte de “projetos culturais”, que atendem a mais de uma disciplina e que são realizados em horário e espaços alternativos, geralmente separados dos conteúdos de língua portuguesa. E nos centros culturais presentes em bairros populares, geralmente, os “projetos de língua portuguesa” estão voltados para o ensino gramatical e interpretação direcionada de textos, como reforço escolar e como preparação para vestibular ou concurso público. Distinguem-se artificialmente, portanto, das chamadas “ações culturais”. Na hierarquização social, predomina, assim, a visão escolar de língua e escrita, “consumida” de maneira complexa e diferenciada pelos inúmeros sujeitos.

Dessa forma, as atitudes que os sujeitos assumem com relação às suas práticas de escrita, embora revelem aspirações singulares de instituições e pessoas diferentes com base

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012
ISSN: 2176-5782

em diferentes experiências e saberes, apontam para uma posição conservadora com relação à língua, que os une ao mesmo tempo que os conflita. Ou seja, embora escrever e ler um texto possam representar uma experiência única e ter significado diverso para os sujeitos de determinado grupo popular, é senso comum entre eles reconhecerem a escrita de base escolar como manifestação legítima de língua e escrita.

Essas atitudes manifestadas pelos diferentes sujeitos sobre as suas experiências e saberes sobre a escrita oferecem a possibilidade de procedermos ao estudo da representação que eles mantêm sobre a língua. Para tanto, como proposta de investigação, podemos utilizar o conceito de representação sociolinguística, que incorpora os aspectos ideológicos *relacionados à dinâmica da língua na estrutura social. Estes dizem respeito a questões relacionadas ao preconceito linguístico, aos processos de normatização, dentre outras, em situações de consenso ou conflito sociocultural, em que a maioria reconhece e legitima um modelo padrão de língua baseado em regras gramaticais prescritas, de base escrita, mas que poucos privilegiados conhecem de fato (BOYER, 1990). Assume-se aqui, conforme já dito por Marcuschi (2001), que a escrita é um fenômeno ideologizável.*

Vimos que as leituras que os diferentes sujeitos fazem e os textos que redigem no espaço em que convivem revelam diferentes experiências de escrita e a atitude, muitas vezes, contraditória que assumem com relação a essas atividades, com base no reconhecimento de um uso autorizado que os aproxima a partir de seus diversos saberes. São esses os sujeitos do espaço urbano, da sociedade complexa em que vivemos. Das ações de escrita, dos poemas, diários, discursos, piadas, novenas, ofícios e de tantos outros textos. E que passam ao largo da Escola.

Referências

BOURDIEU, P. A economia das trocas lingüísticas. In: ORTIZ, R. (org.) *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983

_____; CHARTIER, R. A leitura: uma prática cultural. In: CHARTIER, R (org.). *Práticas de leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012
ISSN: 2176-5782

BOYER, Henri. Matériaux pour une approche des représentations sociolinguistiques. In: Langue Française. Paris, vol. 85, n°1. *Les représentations de la langue: approche sociolinguistique*. 1990.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais*. Brasília : MEC/SEF, 1997, 126p.

BULHÕES, L. *A comunidade de São Lázaro: usos sociais da escrita*. 197 f. Tese (Doutorado em Linguística). IEL , UNICAMP. Campinas, 2003.

DE CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano*. 1. Artes de fazer. 17 ed. Petrópolis: Vozes, 1994

FABRE, D. *Par écrit*. Ethnologie des écritures quotidiennes. Collection Ethnologie de la France. Paris: Maison des sciences de L'homme, Chaire 11, 1997.

HEATH, S. B. *Ways with words: language, life and work in communities and classrooms*. Cambridge, USA: Cambridge University Press, 1983.

HYMES, D. *Sociolinguistics*. Londres: Penguin Books. 1972.

MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001.

OBELKEVICH, J. Provérbios e História Social. In: BURK, P. & PORTER, R (Org): *História Social da Linguagem*. São Paulo: Unesp, 1996.

STREET, B. Introduction: The New Literacy Studies & The incorporattain of literacy into the communicative repertoire. In: Writing: The Nature, Development, and Teaching of written communication. Variation in writing: Functional and Linguistic-Cultural Differences. LEA, NJ, USA , 1981.